

Ministra destaca ordem econômica mundial

Segue abaixo a íntegra do pronunciamento da ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, perante o comitê interino do Fundo Monetário Internacional (FMI). A ministra destaca, em seu discurso, o cenário econômico mundial.

Senhor Presidente:

Ao examinar o quadro econômico mundial e os desdobramentos da crise do Golfo, gostaria de enfatizar duas questões que, por sua própria natureza, estão interrelacionadas: a necessidade de se pôr fim aos relevantes desequilíbrios, de ordem econômica, que ainda não foram resolvidos e a relação entre a situação econômica mundial e as transformações ora em andamento em muitos países em desenvolvimento. Minha mensagem tem, assim, dois aspectos de uma mesma questão: os principais países industrializados têm a responsabilidade primordial de garantir uma economia internacional com crescimento, estável e aberta. Um ambiente econômico mundial saudável é elemento central para dar sustentação ao esforço de estabilização e à reforma estrutural em países em desenvolvimento.

2. Quando revisamos o cenário econômico mundial durante a última Reunião Anual, reinava grande incerteza em relação às consequências da crise do Golfo. Com o cessar-fogo, desvaneceram-se as perspectivas mais pessimistas. No entanto, os efeitos residuais da crise continuaram a afetar o desempenho da economia mundial e podem ainda ser sentidos em muitos países. A combinação de índices de inflação e taxas de juros elevados, redução do nível da produção mundial, deterioração acentuada dos termos de troca de muitos países em desenvolvimento, leva ao declínio dos níveis de renda, investimento, exportações e crescimento em muitos países. O Brasil é um dos países que foram afetados tanto pela retração da atividade econômica mundial quanto pela reversão de expectativas no cenário internacional. Ambos os fatores dificultaram a execução de nossa política econômica em um momento crucial do programa de estabilização brasileiro.

3. O quadro acima descrito reflete a interdependência de nossos países. Consequentemente, demonstra nossa responsabilidade compartilhada quanto à economia mundial. Indica que só podemos encontrar soluções efetivas para os problemas globais a partir de um enfoque verdadeiramente multilateral.

4. À parte dos efeitos mais imediatos da crise, existe um conjunto de problemas mais fundamentais, que seguem sem solução, relacionados à escassez da poupança em nível mundial e a desequilíbrios de longo prazo entre os principais países industrializados. Enquanto permanecerem tais desequilíbrios e os baixos níveis de poupança ora verificados nas principais economias industrializadas, prevalecerá a incerteza e persistirá a possibilidade de retração ainda mais

mic. Contudo, se superarmos os obstáculos, a década de 90 poderá ser uma década de renovada esperança e prosperidade.

5. Podemos ser razoavelmente otimistas quanto às consequências da integração europeia, dos eventos no Leste europeu e das reformas políticas e econômicas na América Latina.

6. A integração europeia pode ser um fator dinâmico para a economia mundial, desde que a competição entre as regiões econômicas não conduza a restrições a importações oriundas de fontes externas às áreas integradas.

7. As reformas que estão sendo introduzidas no Leste europeu podem, por outro lado, abrir novas oportunidades para outras economias e conduzir, a médio e longo prazos, a uma expansão da economia mundial.

8. Entre as grandes mudanças em andamento no cenário econômico internacional, gostaria de chamar a atenção, finalmente, para o processo de transição que ora ocorre na América Latina e Caribe. A importância desse processo, a meu ver, não recebeu ainda a devida consideração.

9. Em muitos países de minha região, as expectativas renovadas quanto aos anos 90 coincidiram com o oriundo período de transição de regimes autoritários para a democracia. No Brasil, o primeiro governo livremente eleito em um período de trinta anos comprometeu-se com reformas estruturais abrangentes. O papel do Estado na economia foi redefinido. Realizamos uma reforma administrativa, adotamos medidas de liberalização de comércio de larga abrangência, formulamos uma nova política industrial, revisamos nossas políticas em matéria de propriedade intelectual e estamos implementando uma severa reforma fiscal e monetária. O Brasil concluirá, brevemente, a primeira privatização de uma empresa estatal no contexto de um programa bastante abrangente, que deverá gerar em torno de US\$ 17 bilhões até o final do próximo ano.

10. Nosso plano de estabilização, adotado em março do ano passado e aprofundado por novas medidas no início deste ano, teve efeitos positivos so-

bre o nível de inflação, que, contudo, ainda não atingiu o patamar desejado. O Brasil tem convivido por várias décadas com a inflação e, como resultado, criou o que se pode chamar de uma "cultura inflacionária". Mas as causas econômicas reais da inflação estão sendo enfocadas em suas bases. Permanecemos firmes no propósito de vencermos o combate antiinflacionário.

11. Ampliamos todos os esforços possíveis para restaurar a sanidade fiscal do setor público. Seria suficiente dizer que depois de administrar, por tantos anos, um quadro deficitário, o Brasil transformou um déficit operacional projetado de 9% do PNB em um superávit de mais de 1% do PNB em 1990. Além das medidas adotadas, que produziram esses efeitos relevantes, o governo brasileiro adotou no início deste ano um novo conjunto de medidas fiscais, destinadas a reduzir as despesas públicas e das empresas estatais, como também a promover uma cooperação mais efetiva com as autoridades estaduais e municipais empenhadas na disciplina fiscal.

Destaque para transição na América Latina e o Caribe

12. Com o objetivo de aumentar as possibilidades de sucesso dos ajustes econômicos ora verificados no Brasil e em vários outros países, os governos dos países industrializados, as instituições financeiras multilaterais e os bancos comerciais devem ter uma maior compreensão da natureza interdependente dos obstáculos que devemos superar a fim de alcançarmos a estabilidade econômica e reiniciarmos o crescimento.

13. O ímpeto e a sustentação a longo prazo das reformas estruturais que estamos realizando certamente dependem de uma situação econômica mundial estável bem como de um enfoque construtivo em rela-

ção aos problemas de desenvolvimento econômico por parte de países desenvolvidos. Seria lastimável se as reformas atuais com vistas à liberalização e maior integração na economia mundial não fossem plenamente atingidas por força de um cenário internacional que não ofereça apoio em função da falta de resposta de governos ou da comunidade financeira internacional. Para que tenhamos sucesso precisamos crescer, abrir mercados, reduzir as taxas de juros internacionais, diminuir a volatilidade da taxa de câmbio, aprimorar os termos de troca e obter uma solução duradoura para os nossos problemas de dívida. Esses objetivos só poderão ser alcançados mediante a adoção de esforços renovados destinados à coordenação macroeconômica, em um verdadeiro contexto

global, onde se verifiquem uma liberalização do comércio multilateral, a conclusão bem-sucedida da Rodada Uruguai, como também um esforço concertado por parte dos credores oficiais e privados de instituições financeiras multilaterais para que o problema da dívida seja superado.

14. Esperamos sinceramente que o esforço por parte dos países em desenvolvimento e do Leste europeu, quanto à reforma e liberalização, seja acompanhado do empenho dos países industrializados que se refere à busca de um ajuste dirigido ao crescimento e estabilidade de suas próprias economias, bem como a um aumento de transferência líquida de recursos para apoiar, de forma efetiva, as mudanças extraordinárias que estão ocorrendo do nosso lado do mundo.

Solução efetiva só com enfoque multilateral para problemas

profunda na economia mundial. Disputas recentes quanto aos diferenciais das taxas de juros apontam nessa direção. A volatilidade das taxas de câmbio é outro sintoma do problema. No âmbito da questão, persiste o tema dos desequilíbrios fiscal e de conta corrente. Todos estes pontos devem ser agora tratados com decisão. É tão importante a rapidez com que eles sejam solucionados quanto a própria natureza da solução. Devemos procurar o menor impacto negativo sobre a economia internacional, especialmente sobre os países em desenvolvimento, dos quais vêm-se desviando recursos já escassos. Na presente circunstância, o impacto de uma maior recessão mais profunda sobre as economias em desenvolvimento, bem como sobre o Leste Europeu, poderia ter um efeito perigosamente negativo no que se refere às perspectivas para a implementação exitosa de suas reformas econô-